

## O QUE PODEM MOVIMENTOS INTERINSTITUCIONAIS NA GESTÃO EDITORIAL DE UMA REVISTA CIENTÍFICA?<sup>i</sup>

WHAT CAN INTERINSTITUTIONAL MOVEMENTS DO IN THE EDITORIAL MANAGEMENT OF A SCIENTIFIC JOURNAL?

¿QUÉ PUEDEN APORTAR LOS MOVIMIENTOS INTERINSTITUCIONALES EN LA GESTIÓN EDITORIAL DE UNA REVISTA CIENTÍFICA?

<https://orcid.org/0000-0001-9250-1010>  Rosimeri de Oliveira Dias 1<sup>A</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5632-4539>  Adrianne Ogêda Guedes 2<sup>B</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-4978-9818>  Edmea Santos 3<sup>C</sup>

<sup>A</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

<sup>B</sup> Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>C</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

Recebido em: 12 ago. 2025 | Aceito em: 20 out. 2025

### Resumo

Este artigo é escrito com o sentido de celebrar os 10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). Com esta ideia central o texto é tecido por meio do encontro das três editoras gerentes atuais, que se ligam para realizar uma escrita sensível e atenta aos modos de fazer gestão editorial do periódico. Para tanto, levam a sério a definição de arte tecida por Gilles Deleuze e Felix Guattari que se afirma por um plano de afetos realizado em composição. Buscam espaços e tempos de aberturas para fazer modos outros de educar e de pensar a educação problematizando: Seria a Revista Interinstitucional Artes de Educar - RIAE - um destes movimentos? Com que dispositivos? Com que companhia? Que sentidos existem na criação e existência de uma revista científica forjada pelas artes de educar e pela liga interinstitucional de três programas de pós-graduação em educação do estado do Rio de Janeiro? No exercício de tecer um plano comum, implicado e interinstitucional, o texto se divide em dois momentos: 1 – explorar a potência editorial de uma revista que afirma artes e educação no plural e 2 – Porque artes de educar? Imbricamentos entre arte e educação.

**Palavras-chave:** artes; educação; periódico acadêmico; editoria científica.

### Abstract

This article is written to celebrate the 10th anniversary of the Interinstitutional Journal of Education Arts (RIAE). With this central idea, the text is woven together through the meeting of the three current managing editors, who come together to produce a sensitive and attentive piece of writing on the ways of managing the journal's editorial content. To this end, they take seriously the definition of art woven by Gilles Deleuze and Felix Guattari, which is affirmed by a plane of affections realized in composition. They seek spaces and times of openness to create other ways of educating and thinking about education by asking: Is the Interinstitutional Journal of Education Arts (RIAE) one of these movements? With what devices? With what company? What meanings exist in the creation and existence of a scientific journal forged by the arts of education and by the interinstitutional alliance of three graduate programs in education in the state of Rio de Janeiro? In the exercise of weaving a common, implied, and



2025 Dias; Guedes; Santos. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

interinstitutional plan, the text is divided into two moments: 1 – exploring the editorial power of a journal that affirms arts and education in the plural, and 2 – Why arts of education? Interweaving between art and education.

**Keywords:** arts; education; academic journal; scientific publishing.

### **Resumen**

Este artículo se ha escrito con el fin de celebrar los diez años de la Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE). Con esta idea central, el texto se teje a partir del encuentro de las tres editoras actuales, que se unen para realizar una escritura sensible y atenta a las formas de gestión editorial de la revista. Para ello, se toman en serio la definición de arte tejida por Gilles Deleuze y Félix Guattari, que se afirma a través de un plano de afectos realizado en composición. Buscan espacios y tiempos de apertura para crear otras formas de educar y de pensar la educación, planteando la siguiente pregunta: ¿Sería la Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE) uno de estos movimientos? ¿Con qué dispositivos? ¿Con qué compañía? ¿Qué significados existen en la creación y existencia de una revista científica forjada por las artes de educar y por la alianza interinstitucional de tres programas de posgrado en educación del estado de Río de Janeiro? En el ejercicio de tejer un plan común, implicado e interinstitucional, el texto se divide en dos momentos: 1 - explorar el potencial editorial de una revista que afirma las artes y la educación en plural y 2 - ¿Por qué las artes de educar? Entrelazamientos entre el arte y la educación.

**Palabras Clave:** artes; educación; revista académica; editorial científica.

## **EXPLORAR A POTÊNCIA EDITORIAL DE UMA REVISTA QUE AFIRMA ARTES E EDUCAÇÃO NO PLURAL**

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 11, Número Especial - pág. 6-17 set-dez de 2025: "10 anos da Revista Interinstitucional Artes de Educar" – DOI: 10.12957/riae.2025.94765*

*Composição, composição, eis a única definição de arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte. (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 247)*

Há movimentos que nos aproximam para a busca por sentidos produzindo espaços e tempos de aberturas para fazer modos outros de educar e de pensar a educação. Neste sentido, seria a Revista Interinstitucional Artes de Educar - RIAE - um destes movimentos? Com que dispositivos? Com que companhia? Que sentidos existem na criação e existência de uma revista científica forjada pelas artes de educar e pela liga interinstitucional de três programas de pós-graduação em educação do estado do Rio de Janeiro?

Para começar a pensar e fazer reverberar estas e outras questões, recuperamos o belo texto de Linhares (2015, p. 5-6) que apresenta o primeiro número da RIAE, publicado há 10 anos:

Fomos nos apropriando de concepções de estética como política, transitando e usufruindo da fertilidade dos espaços e tempos de fronteiras, tanto entre instituições, como transversalmente, entre disciplinas e culturas. Eram outras possibilidades e riscos de estabelecer interrelações que mobilizassem nossas questões com o fluir que desarruma a vida, exigindo que a reorganizemos, com arte. Impossível não lembrar de João Cabral de Melo Neto.

...E não há melhor resposta  
que o espetáculo da vida:  
vê-la desfiar seu fio,  
que também se chama vida,  
ver a fábrica que ela mesma,  
teimosamente, se fabrica,  
vê-la brotar como há pouco  
em nova vida explodida.

Pois, se cartografássemos nossos encontros, desde aquele em que nasceu a ideia da Revista, seria possível captar movimentos, sonhos que iam além de um simples habitar nas fronteiras das instituições, das disciplinas e das culturas. Desejávamos que a RIAE transitasse, semeando inquietudes do pensamento, sem rendições diante de travas e negações históricas, a ponto de reconhecer, alargar e inventar brechas que ampliassem as travessias da educação, com uma autonomia e estética em que não se ausentem processos vivos de cognição política a se fundir com uma ética sempre em construção.

Em outras palavras, não nos resignávamos com os tempos amortecidos, rotineiros na escola, na universidade, na pesquisa, na extensão. Pelo contrário, desejamos promover um clima de desassossego poético, científico, filosófico, educativo, escolar, enfim,

histórico e, por isso mesmo apropriado para instalar um outro tempo no pensamento pedagógico, um tempo vivo, incluído de nossas existências em convívio com lances inesperados e até brutais, como o são a vida e a morte.

Linhares (2015), editora científica da RIAE, compõe a dimensão coletiva que é a expressão de criação e de produção da Revista, mantida até o presente, após seus 10 anos de existência. Talvez, seja necessário dizer que o que chamamos de coletivo é a face conceitual de uma rede em que é possível apreender o coletivo longe da visão dicotômica sobre coletivo e individual. A oposição é substituída pela afirmação do coletivo com as relações estabelecidas entre dois planos - formas e forças - que interconectam três programas de Pós-Graduação em Educação para produzirem a realidade de uma revista acadêmica e criar suas condições de existência. Embora distintos, os dois planos não se opõem, e sim constroem entre si relações de reciprocidade que asseguram cruzamentos plurais e múltiplos, técnicos e estéticos.

O plano das formas corresponde ao plano de organização da realidade, como nos diz Gilles Deleuze e Claire Parnet (1998) ou o que René Lourau (1993) chama de instituído, e concerne às figuras já estabelecidas - individuais ou coletivas, com os seus objetos constituintes da realidade: coisas e estados de coisas, com contornos definidos. Formas, assim, dos movimentos editoriais de uma revista acadêmica constituem-se naquilo que o pensamento representacional reconhece como objetos de conhecimento, com suas regularidades apreensíveis por regras, pelo cálculo probabilístico e métricas editoriais.

No entanto, afastados desse modelo de conhecimento, os objetos do mundo, inclusive os periódicos acadêmicos, diferente de possuírem natureza fixa, de ostentarem invariância, abrem-se à variação, ou melhor, estão em constante processo de transformação. Tais processos são resultantes de composições do plano das formas com o plano movente das forças ou coletivo de forças. O que algumas ciências e filosofias tomam por realidades atemporais são, na verdade, efeitos da relação entre os dois planos. As formas de uma revista resultam do foco e escopo, das incumbências que tecem parâmetros e figuram no sistema de funcionamento do periódico e que, ao mesmo tempo, resultam dos jogos de forças e correspondem a solidificações, a conglomerados de vetores. A delimitação formal da RIAE resulta da lentificação e da redundância que a configuram das forças que assume em um dado momento. Ou seja, graças à provisória estabilização dos jogos de forças somos convencidos da universalidade do mundo a nossa volta (DELEUZE, 1995).

Na companhia de Michel Foucault (1979) esclarecemos que esta definição de coletivo, que liga formas e forças, se compõe a partir do jogo ou diagrama de forças. Para Foucault, a realidade com que lidamos emerge do processo de produção do saber, efeito do movimento

convergente de forças, de caráter discursivo e não discursivo - duas dimensões de práticas distintas, porém em relação de reciprocidade constante e que produzem realidades. Entre as práticas discursivas ou de dizibilidade (DELEUZE, 1988) encontram-se os atos realizados nos signos e que decidem sobre tudo aquilo que podemos dizer do mundo. As práticas não discursivas ou de visibilidade referem-se às ações mudas dos corpos e criam modalidades de ver. Ou seja, a realidade é resultante de modos de ver e de dizer produzidos num determinado momento histórico (FOUCAULT, 1979).

É nesse sentido que as conceituações das ciências humanas têm falhado ao considerar o coletivo como restrito ao que já é em si mesmo uma forma ou uma figura fechada, ignorando-a em sua dimensão mais ampla. Em tal dimensão, o conceito de coletivo refere-se ao plano das forças também definido, por Gilles Deleuze, como plano de consistência ou de imanência ou, ainda, com René Lourau, como plano do instituinte. É o plano em que as forças entram em relação.

Neste sentido, uma revista acadêmica, ao intensificar a comunicação entre três programas de pós-graduação em educação, possibilita relações entre relações, atrações e contágios que ativa o plano coletivo de forças. Às editoras e aos editores cabe se deixar levar, em certa medida, por esse plano coletivo, não por falta de rigor editorial, mas porque uma atitude de atenção a própria editoração da RIAE, que permite acompanhar as modulações da editoria científica e da realidade educacional. É possível dizer, com estes interlocutores, que se trata também de uma ética, estética e política editorial. Vejamos o que diz uma de nós com esta proposta:

Este entrelaçamento ético, estético e político não mais emana uma expressão transcendente, de um código, de uma lei, de uma moral, de um discurso pleno de linguagem. Pois a gênese da perspectiva encontra-se tomada pelo movimento de criação processual. Ético por que é possível fazer escolhas produzindo desmanchamentos de formas dadas. Estético por que faculta a criação de uma vida bela e livre nas ligas da constituição de uma arte, pelo plano de afetos e perceptos. Política porque desejamos forjar encontros e poder tecer uma conversa para, talvez, enfrentar o desafio de se formar e pesquisar mantendo vivo um campo problemático, apostando na condição e possibilidade de diferir do que somos (DIAS, 2019, p. 15).

O ato ético, estético e político na editoria científica da RIAE, portanto, possui um poder de amplificação, de propagação, de condições de possibilidades e ressonância que o inscreve na rede de outros atos educativos, artísticos, formativos sensíveis ao tempo que se nos atravessa. Não estamos falando de uma simples integração entre atos, uma vez que a ressonância não se passa na ordem do logos (embora intervenha também sobre ela) nem se confunde com a relação

de harmonia entre membros da comunidade científica educacional. Agir ético, estética e politicamente na editoria científica significa se colocar como ponto singular de uma infinidade aberta de relações, sem que sua ação se ampare em normas que funcionam como formas *a priori*, impostas do exterior à ação. A afirmação do ato coletivo, ético, estético e político é o que permite passar de uma dimensão normatizante e técnica para uma dimensão estética de amplificação do agir na editoração científica em educação. Algo próximo do que anunciamos, desde o início do trabalho editorial da RIAE, em seu primeiro número:

É com alegria que apresentamos o presente número da Revista Interinstitucional Artes de Educar, v.1. (2015): Dossiê Artes de Educar, que nasceu do desejo de três Programas de Pós - Graduação em Educação de abrir um espaço-tempo em que seja possível expressar linhas ampliadas dos modos de se trabalhar, sentir e pensar educação. Com isto, montamos uma rede em torno de questões no âmbito dos estudos das artes de educar, no plural. Assim, este número é efeito de um trabalho coletivo em prol da construção de um modo de pensar-fazer educação entre as artes que nos tocam e nos afetam diariamente no campo. (DIAS; FILÉ, SANCHES, 2015, p.12)

Mais do que historicizar o campo de forças de uma revista acadêmica que afirma artes de educar no plural, o que queremos com este texto é afirmar que a arte, assim como Deleuze e Guattari (2004) acentuam, não comporta outro plano diferente do da composição estética. É sob esta condição de editoria - coletiva, ética, estética, política - que a produção editorial se torna expressiva, pública. A composição editorial se realiza no material, ou o próprio material editorial - artigos, relatos de experiência, resenhas, entrevistas, etc. - entra no composto, mas sempre de modo a se situar sobre um plano de composição propriamente ético, estético e político.

Há, nestes 10 anos, modos de realizar a editoria científica da RIAE que luta por um pensar fazer as artes em composição interinstitucional em sua série de dossiês que colocam acento nas múltiplas instituições que estão em jogo nesta processualidade: os três PPGEs, as três universidades, o Portal de Publicações Eletrônicas da UERJ; a FAPERJ; a editorações; a PR3 da UERJ com sua bolsa de extensão. Inicialmente, talvez, a ideia de realizar esta composição foi para criar condições de criação e de existência. Hoje, é possível dizer que a interinstitucionalidade da RIAE forja um movimento e, ao mesmo tempo, uma rede de trabalho e gestão coletiva que nutre os movimentos editoriais, visível em seus 36 Dossiês publicados:

v.1, n. 1 – Artes de educar

v.1, n. 2 – Educação e relações étnico-raciais

v.1, n.3 – Processos formativos e desigualdades sociais

- v.2, n. 1 – Artes de ser professor: práticas, criações e formações
- v.2, Número Especial – Vozes da educação
- v.2, n. 3 – Formação inicial e continuada de professores: espaços, tempos e invenções curriculares
- v. 3, n.1 – Gênero, sexualidade, política e educação
- v.3, Número Especial – Darcy Ribeiro
- v.3, n. 3 – Decolonialidade e educação: entre teorias e práticas subversivas
- v.4, n. 1 – Questões contemporâneas sobre educação especial na perspectiva da educação inclusiva
- v.4, n. 2 – 50 anos da Pedagogia do Oprimido: movimentos de opressões e emancipações contemporâneas na América Latina e África
- v.4, n.3 – Educação intercultural: aprender com os povos originários do sul a descolonizar a educação
- v.5, n. 1 – Gênero, sexualidades e educação em sistemas de privação de liberdade
- v.5, n. 2 – Laicidade e educação em tempos conservadores
- v.5, n.3 – Educação: corpo em movimento
- v.6, n. 1 – Educação: corpo em movimento II
- v. 6, n. 2 – Bebês e crianças: cultura, linguagem e políticas
- v.6, n. 3 – Itinerâncias entre Michel Foucault e educação
- v. 6, Número Especial – Educação e democracia em tempos de pandemia
- v. 6, Número Especial II – Educação e democracia em tempos de pandemia
- v. 7, n. 1 – Pedagogias vitais: corpo, desejo e educação
- v. 7, n. 2 – História das mulheres e educação: perspectivas de pesquisa e formação de professores
- v. 7, n. 3 – Relatos, experiências e produção acadêmica
- v. 8, n. 1 – Por uma pedagogia macunaímica: infâncias, estudos decoloniais e resistências plurais na contemporaneidade



v. 8, n. 2 – Outras educações: saberes e conhecimentos das populações racializadas em contextos de reexistência

v. 8, Número Especial – II Seminário Internacional Gêneros, sexualidades e educação na ordem do dia – interseccionalidades em (re)existências

v. 8, n. 3 – Educação especial numa perspectiva inclusiva, acessibilidade e inovação tecnológica

v. 9, n. 1 – Processos formativos na docência de professores(as) que ensinam matemática na educação infantil e/ou nos anos iniciais do ensino fundamental

v. 9, n. 2 – 20 anos da Lei 10.639: conversas curriculares entre saberes, práticas e políticas antirracistas

v. 9, Número Especial – Cuerpos em la encrucijada

v. 9, n. 3 – Didática e formação de professores no enfrentamento das contrarreformas neoliberais

v. 10, n. 1 – 20 anos da Lei 10.639: conversas curriculares entre saberes, práticas e políticas antirracistas II

v. 10, n. 2 – Os direitos humanos e a liberdade de ensinar, aprender e pesquisar

v.10, n. 3 – Pensamento poético: epistemologias, metodologias e narrativas artísticas na pesquisa e no ensino

v. 11, n. 1 – A inteligência artificial e educação: debates críticos e boas práticas na escola básica e na educação superior

v. 11, n. 2 – Desafios da formação profissional no Teatro Acessível – Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena

Descrevemos os temas dos dossiês aqui neste artigo para que você, leitor, possa ver o exercício intensivo que é realizar uma gestão editorial interinstitucional com seus movimentos editoriais e temáticas plurais. Sugerimos, para maiores detalhes e acompanhamento do trabalho editorial, que entrem e vasculhem, na página da RIAE - <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/issue/archive> -, estes dossiês, os trabalhos de fluxo contínuo, os relatos de experiências, as resenhas, as entrevistas, etc.

Foi com este modo de trabalhar, que afirma a composição entre educação e arte, escrita e invenção, editoria e formação, pareceristas e autores, bolsistas e editores executivos, que



chegamos a esta Revista que prioriza a ciência e a pesquisa acadêmica em composição também com as escolas públicas para gestar processos editoriais no plural. Uma revista que se mantém sempre em processo, germinando, enfrentando dificuldades, desafios e enunciamentos com os seus diferentes pontos de contato que se dispõem em rizoma. Coletivamente.

É nesta processualidade, depois de todo esse caminho percorrido. É ao colocar sobre a mesa os objetos da realidade que somos capazes de tocá-los, profaná-los. Dar a uma revista acadêmica um uso público (qual é a dobra disso?). Assim, é na RIAE, e não na praça, que lidaremos com as lógicas totalizantes de visibilização, que seremos capazes de alcançar o inalcançável, de tatear, mesmo que sejam mínimas, mesmo que sejam micro, as brechas e fissuras desse mundo que se apresenta a nós sob o regime da visão de uma ciência pura. É na RIAE que evitaremos sua assustadora face de medusa, olhando para ela por meio dos infinitos espelhos que inventamos. Que tomaremos de volta a força de educar e artistar e existir. Por que é e sempre foi na RIAE que fizemos isso.

### ***Porque Artes de Educar? Imbricamentos entre Arte e Educação***

O que desejamos mobilizar ao nomear nosso periódico Artes de Educar? A escolha do título nos convida a indagar sobre os possíveis atravessamentos entre duas dimensões que, por vezes, foram tratadas como apartadas: a arte e a educação. Mas afinal, seria educar uma arte? De que educação estamos tratando quando nos perguntamos sobre as artes de educar? E de que arte falamos quando nos referimos a essa aproximação? Essas questões são motores para a reflexão e nos instigam a pensar sobre quais apostas e convocações desejamos sustentar.

O artista e curador uruguaio Luis Camnitzer (2023) oferece uma provocação instigante ao afirmar: “Isso de ‘nem arte, nem educação’ parece uma excelente ideia”. Para ele, seria necessário inventar uma outra palavra capaz de nomear essa conexão, já que uma só existe dentro da outra. Arte é educação, e a educação é arte. Essa formulação rompe com a tendência de compartimentar e nos desafia a pensar em um espaço híbrido, no qual os dois campos se tornam indissociáveis. Mais ainda, Camnitzer propõe que tanto o artista quanto o professor só alcançam o êxito de sua missão quando conseguem tornar-se prescindíveis, ou seja, quando aqueles que se apropriam da arte ou da educação tornam-se capazes de agir autonomamente. É nesse ponto que arte e educação se encontram numa missão única: caminham juntas, ainda que deixem rastros distintos.

Essa provocação pode ser aproximada das formulações de Nicolas Bourriaud (1998), que, ao propor a Estética Relacional, desloca a compreensão da arte como objeto autônomo para concebê-la como espaço de relações e trocas. Em sua concepção, a arte contemporânea se realiza no encontro, no gesto, no processo, na duração compartilhada. Não há obra acabada de antemão; há uma abertura ao devir. Essa compreensão também nos auxilia a pensar a educação para além da função de transmissão de conteúdos, deslocando-a para o campo da experiência, da invenção e da convivência. Tanto a arte quanto a educação se realizam naquilo que mobilizam em termos de relação com o outro, no que se abre como possibilidade de composição e de criação coletiva.

É por isso que falamos em artes no plural. A pluralidade é um gesto de resistência contra a uniformidade e os modelos padronizados que reduzem a autoria e inibem a experimentação. O plural afirma a multiplicidade de linguagens e de formas de existir, reconhece que educar e criar são movimentos que não podem ser engessados por receitas ou manuais. Nesse sentido, arte é também existência, uma forma de se colocar no mundo que mobiliza sensibilidades, atravessa saberes e fazeres, e convoca reflexões sobre experiências, ideias, lutas e desejos.

Ao conceber a educação como arte, evocamos uma perspectiva que ultrapassa sua função usual de transmissão de saberes socialmente organizados. Trata-se de entendê-la como espaço ampliado, em que caibam as diferenças, as alteridades e as singularidades. Como destaca Kastrup (2018, p. 162), a arte tem a potência de criar um mundo comum e heterogêneo, que não está dado de antemão, mas precisa ser inventado no encontro com a diferença, na fricção e na partilha da experiência.

Esse olhar dialoga com a crítica contundente de Antonio Bispo dos Santos (2020), em *Compos(t)os Escola*, quando questiona o caráter educacional da escola moderna, marcada pela lógica da colonização. Para Bispo, a escola frequentemente se apresenta como um espaço de imposição de conteúdos e modos de aprender que desconsideram os saberes coletivos, comunitários e ancestrais. Nesse sentido, educar não pode ser reduzido a repetir lições ou a seguir prescrições curriculares, mas deve ser compreendido como gesto criador, como invenção que se dá no encontro com o outro, no território e na vida comum. Ao recusar a centralidade da escola como única via de acesso ao conhecimento, Bispo amplia o horizonte da educação para abarcar formas de saber que brotam das práticas culturais e sociais cotidianas, onde arte e vida se encontram de maneira inseparável.

Quando afirmamos artes de educar, não falamos apenas das artes como linguagens, mas das artes como modos de fazer mundo. A educação, nessa perspectiva, não é um processo

separado da criação, mas se confunde com ela: aprender é criar, pesquisar é criar, ensinar é criar. E criar, como lembra Bispo, não se dá em abstrato, mas em diálogo com as práticas culturais, com o corpo e com o território. Esse deslocamento é fundamental porque nos leva a pensar a própria pesquisa em chave criadora, como prática inventiva que mobiliza sensibilidade, imaginação e autoria. Pesquisar, neste horizonte, é criar condições de escuta e de diálogo que permitam a emergência de novos mundos possíveis, de outras formas de viver e narrar.

A arte, nesse sentido, não é apenas uma disciplina ou uma linguagem a ser ensinada, mas condição de possibilidade para que o aprender se realize como invenção e autoria. É nesse mesmo espírito que Momoli (apud Corrêa e Ostetto, 2018, p. 26) afirma a necessidade de aprender a olhar de novos modos para a escola, a arte e a infância, ampliando o campo da educação para múltiplos territórios e atores. Essa abertura se conecta à defesa pela recriação permanente dos saberes docentes por meio da reflexão, e encontra ressonância na formulação de Kastrup (2015, p. 96), que reconhece o caráter micropolítico da experiência estética, capaz de transformar subjetividades e modos de existência.

Dessa forma, a escolha do nome Artes de Educar não é apenas uma decisão editorial, mas uma aposta conceitual e política. Ela anuncia o desejo de compreender a educação em chave estética, poética e plural, atravessada pela diversidade de linguagens e experiências. Afirma que arte e educação, longe de serem campos isolados, se constituem mutuamente naquilo que têm de mais potente: a capacidade de inventar, de partilhar e de transformar. Ao incorporar as vozes de Camnitzer, Bourriaud, Kastrup e Bispo dos Santos, reafirmamos que talvez não se trate de arte ou de educação em separado, mas de um campo híbrido em que ambas se confundem e se fortalecem: as artes de educar.

## Referências:

FIRMEZA, Yuri et al (organizadores), Antonio Bispo. Composto escola: comunidades de sabenças vivas. São Paulo: N-1 Edições, 2022.

BOURRIAUD, Nicolas. Esthétique relationnelle. Dijon: Les presses du réel, 1998.

CAMNITZER, Luis. Nem arte, nem educação. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 24, n. 47, 2023. DOI: 10.12957/concinnitas.2023.83611. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/83611> . Acesso em: 26 set. 2025.

CORRÊA, Carla; OSTETTO, Luciana. Aprender a olhar: Educação, arte e infância. São Paulo: Cortez, 2018.

KASTRUP, V. A arte na construção de um mundo comum e heterogêneo. In: I SIMPÓSIO INTERNACIONAL FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM ARTE E PEDAGOGIA, 2015, São Paulo, SP. Anais do I Simpósio internacional: formação de educadores em arte e pedagogia. São Paulo: MACKENZIE, 2015, p. 95-104.

KASTRUP, V. A arte na construção de um mundo comum e heterogêneo em Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural / Mirian Celeste Martins, Estela Bonci, Daniel Momoli (Orgs.). – São Paulo: Terracota Editora, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. inventive formation of teachers in between ethical, aesthetic and political weavings of academic writing. *childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v. 15, p. 01–26, 2019. DOI: 10.12957/childphilo.2019.44236. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/childhood/article/view/44236>. Acesso em: 15 sep. 2025.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; FILÉ, Valter; SANCHES, Carmem. Editorial. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. UERJ. n. 1, v. 1, 2015, p. 12. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/15620/11826> Acesso em 15 ago 2025.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LINHARES, Célia. Uma apresentação: palavra, pensamento e educação mobilizados pela arte. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. UERJ. n. 1, v. 1, 2015, p. 4-11. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/15620/11826> Acesso em 15 ago 2025.

---

<sup>i</sup> Agradecemos à FAPERJ pelo apoio ao Projeto editorial da RIAE com o Processo E-26/210.433/2022.